

“Diferentes” e Felizes Para Sempre? Analisando algumas leituras presentes na infância

Bonnie Axer (UERJ/EDU)
Eixo 6: São tantos conteúdos...

Resumo

Este trabalho visa discutir como questões relacionadas à diferença e à fixação de identidades são apresentadas pelas histórias infantis, discutindo como formas de ser e agir podem ser modeladas a partir do consumo das mesmas. Neste sentido, trago leituras presentes na infância, a leitura de histórias e a leitura de filmes baseados nas mesmas. Para tanto analiso os contos “Shrek” e “A Bela e a Fera” observando como os mesmos tratam a questão da diferença, identidade, discutindo como constroem ou problematizam moldes e estereótipos da identidade. Para tanto trago o conceito de diferença utilizado por Bhabha (1998) e de identidade utilizado por Hall (2005) para então analisar as histórias enquanto produções culturais e as suas abordagens em relação ao temas supracitados. Dessa forma, busco contribuir para uma compreensão da importância de uma visão crítica e reflexiva sobre o que pode estar sendo lido pelas crianças e a necessidade do cuidado com as mensagens veiculadas e a apropriação dos discursos em tais histórias. A educação escolar possui um papel primordial como espaço onde os tais discursos podem ser (re) significados, superados ou, pelo menos, contestados. Os livros e os filmes que trazem tais histórias, não são meramente objetos destinados a entreter o público infantil. Eles podem ser também considerados suportes cujo conteúdo envolve crenças, ideologias, estereótipos e conceitos dos mais variados, pois se tratam de produções culturais que não são neutras, mas que trazem características dos contextos históricos e sociais aos quais estão inseridos.

Introdução

Vivemos num mundo constituído pelas diferenças, que ainda não são devidamente reconhecidas e respeitadas, além de ser um mundo que cultua excessivamente a beleza. Este apelo à estética, esta ditadura da beleza na qual estamos inseridos, atinge também nossas crianças.

Para entender e analisar como este apelo à beleza atinge nossas crianças, busco fazer uma análise de dois contos infantis “A Bela e a Fera” e “Shrek”, e suas adaptações para o cinema¹. “A Bela e a Fera” - um clássico da Disney (1991) - e “Shrek” filme atual da Dream Works (2001), trazem de formas diferentes idéias sobre o respeito e aceitação das diferenças com questionamento dos padrões de beleza.

Escolhi estas duas leituras, o conto e o filme de cada história, pois as encaro como produções culturais, que fazem parte de uma cultura midiática cujas imagens, sons, vestimentas e leituras ajudam a tecer a vida cotidiana, modelando opiniões políticas, padronizando comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam suas identidades. *“Assim, o rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente”*. (Kellner, 2001).

Estas histórias nos mostram exemplos muito claros na utilização do estereótipo, entendido como uma forma arbitrária de fixar característica acaba formando identidades e rotulando o sujeito, situando nele algo que o diferencia dos demais e que não permite avistar as suas características restantes, impedindo assim a circulação do significante à medida que aliena o corpo do sujeito (Bhabha, 1998). O estereótipo é ainda uma estratégia de fixação de identidades e demarcação da diferença como exclusão, questão que será discutida mais a frente.

Muitas vezes as características físicas da personagem se sobrepõem às características emocionais, reforçando o valor da aparência em detrimento da essência.

Os contos de fadas, neste sentido, são exemplos de como o ético e estético se repetem, ou seja, como identidades são fixadas de maneira a demarcar diferenças. Sendo utilizada, muitas vezes, a prática da estereotipação.

(...) a bruxa, o gigante e outras personagens são extremamente feias, ou até monstruosas, grotescas ou deformadas (...); A fada, a princesa, a mocinha, são sempre protótipos da raça ariana: cabelos longos e loiros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupa imaculada...; O mocinho, o príncipe, é alto, corpulento, forte, elegante (...). (Abranovich, 1994, p.36-37, 39-40).

¹ Os filmes analisados fazem parte da relação de 30 filmes indicados para as crianças, realizada pelo RIO MÍDIA.

Falando um pouco de diferença

Trago, como ponto de partida, meu entendimento sobre diferenças - e para tanto me baseio no conceito de diferença utilizado por Bhabha (2003), “A diferença cultural não pode ser compreendida como um jogo livre de polaridades e pluralidades no tempo homogêneo e vazio da comunidade nacional.”. Concordo com o autor - a diferença não pode ser vista através de antagonismos fixos, mas sim como um processo de nomeação, onde na relação com o “Outro” é possível perceber o que somos e o que nos falta.

Mas é válido ressaltar que a diferença é própria dos sistemas de classificação com os quais trabalhamos, pois está presente em qualquer espaço social. É preciso entender que a igualdade, assim como a desigualdade, são construções sociais de razões econômica, histórica e cultural. O problema não é a existência da diferença, mas sim a sua utilização como objeto de desigualdade, onde uns se tornam melhores que outros.

Segundo Kathryn Woodward, “a diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de heterogeneidade e hibridismo, sendo enriquecedora”.

Silva (2000) nos diz que, a diferença, assim como a identidade, são relações sociais sujeitas às forças de poder, produzidas na diferenciação com que a sociedade se produz e se organiza, seja através das exclusões, inclusões, demarcação de fronteiras, classificações e normalizações. Identidade e diferença se traduzem declarações de quem pertence ou não, de quem é diferente ou não, de quem é normal ou não. Na medida em que as identidades pós-modernas são tidas como algo fluido e passível de mudanças (Hall, 2005), torna-se viável o questionamento de práticas que normatizem subjetividades fixadas e desejadas. Nas histórias infantis é muito comum o emprego de ilustrações e textos que fazem alusão a princesas representadas com as mesmas características: brancas, loiras, jovens e bonitas.

Torna-se então fundamental problematizar a fixação de identidades e demarcação de diferença como exclusão, a fim de questionar as relações de poder presentes nas relações de identidade e diferença.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização de identidade e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetros em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas.

Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única.”. (Silva, 2000, p.83).

Enfim, só é considerado aceito aquilo que vai contra ao que não é aceito. Portanto, uma identidade é sempre produzida em relação à outra, assim todas as instituições sociais e culturais fundamentam as identidades através das marcações da diferença (Woodward, 2000). Esta identidade “hegemônica” é constantemente assombrada pelo Outro.

Análise das leituras: contos e filmes

Assim, inicio minhas análises das histórias, “Shrek” e “A Bela e Fera”.

Analiso primeiramente a história de Shrek, que poucas pessoas sabem se tratar de um conto homônimo anterior à sua forma cinematográfica. Mas, como sua versão literária é pouco conhecida, vou me deter à análise da versão para o cinema, até por ser o filme um sucesso entre as crianças e também, entre os adultos, principalmente, por ser uma paródia dos contos de fadas clássicos.

Mas julgo necessário contar, de forma resumida, como é a história de Shrek no livro. Shrek é largado no mundo pelos pais, por ser muito feio. Começou a andar sem rumo, assustando as pessoas até que uma bruxa lhe disse que casaria com uma princesa muito feia, mas, para isso, teria que derrotar um cavaleiro muito feroz. Shrek então sai em busca da princesa, luta contra um dragão e um cavaleiro. Chegando à Sala dos Espelhos, onde a princesa estava presa, encontrou a princesa mais horrorosa de todo o planeta. Percebendo que nasceram um para o outro, casaram-se e viveram “horríveis para sempre”.

No cinema o Shrek se apresenta como um conto de fadas moderno, que tem como principal objetivo bagunçar os contos já existentes, buscando questionar alguns aspectos presentes em contos clássicos, como a questão da beleza, na qual vou me fixar.

Shrek é um Ogro com aparência grotesca e feições nada convencionais para um herói infantil, sendo verde, mal educado e totalmente fora dos padrões de beleza com os quais estamos acostumados. Vivia sozinho num pântano, até que vê sua solidão ameaçada com a invasão das personagens dos contos de fadas, quando o governante Lord Farquaad - outro personagem que desafia o padrão estético, pois é um príncipe

baixinho, sem postura de homem forte e belo que conhecemos há muito tempo - decide expulsar todas as criaturas mágicas da floresta e colocá-los no pântano distante do Ogro.

Shrek tem a missão de buscar a mulher dos sonhos de Farquaad, a princesa Fiona, que vivia presa num castelo, condição de voltar a viver com sossego em seu pântano.

Princesa Fiona carrega consigo um segredo: - de dia é uma “linda” princesa, à noite transforma-se em um “ogro”. Esta transformação é fruto de um feitiço, que só chegaria ao fim com o encontro da sua verdadeira essência quando fosse beijada por um príncipe. Acredita, assim como todos que estão à sua volta, que sua verdadeira identidade é a de princesa. Entretanto, é salva por Shrek, um ogro que também acredita não ser o seu príncipe, pois é feio, não tem bons modos, é grosseiro e mora no pântano. Ocorre que ambos se apaixonam.

Fiona, ora é uma princesa, ora é uma “ogra” gordinha e verde, mostra-se uma mulher forte, dona do seu próprio nariz, não submissa aos homens presentes nos filme (característica forte nas princesas dos Contos de Fadas), determinada, mas que em nenhum momento perde sua feminilidade, tampouco sua beleza. Shrek, apesar de aparentemente grotesco, é doce, sensível e aprende a reconhecer e demonstrar suas inseguranças e fragilidades.

Este conto tem uma proposta muito interessante, a de desmistificar esta magia que existe por trás dos contos tradicionais, nada é perfeito e belo como parece, sendo um filme que tenta desconstruir esta imagem, e por vezes consegue. A história de amor que nasce entre os dois, é um amor entre os diferentes, pois Shrek é um ogro, e Fiona, apesar de ser enfeitiçada, é uma princesa, bela como todas as princesas, apesar de ser mais forte e mais decidida das princesas que conhecemos Ambos se encantam com o que está além das aparências.

Mas apesar de toda esta postura, é um filme que questiona sua magia no final da história, pois ao ficarem juntos, Fiona torna-se tão feia quanto o Shrek – assumindo sua verdadeira identidade de Ogra com o fim do feitiço. Neste sentido, o filme traz uma necessidade de semelhança, de um com o outro, para que sejam felizes para sempre!

O fato de Fiona se igualar a Shrek além de trazer esta necessidade de semelhança entre os dois, traz ainda uma postura machista, pois quem tem que abrir mão de sua vida anterior – a mesma vai morar no pântano - e de sua beleza é Fiona, a

princesa diferente de todas as outras pela sua postura forte, perde esta força ao se “submeter” ao seu amor.

Shrek é um filme que reflete sobre o que é o belo, sobre o feminino, o masculino, o amor, a amizade, e acima de tudo, sobre a possibilidade de se conviver com diferenças sem julgamentos de valor. É um filme muito interessante que nos permite ter uma outra visão sobre o que é visto e reproduzido como verdade, mas infelizmente é uma história que mantém uma estrutura e necessidade de deixar as coisas bem ao seu final, e para isto, Fiona se assemelha na feiúra de Shrek - ela poderia continuar sendo princesa mantendo o respeito às diferenças propostas na história.

É interessante observar que a mensagem é complexa para a criança - que ao ver a Fiona se transformando em Ogra - não consegue fazer a ligação proposta pela mensagem que é: - cada qual com o seu igual.

O mesmo acontece com o conto “A Bela e a Fera”, história escrita por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (Madame de Beaumont). Farei a análise do conto e do filme de forma interligada, pois apesar de algumas mudanças, como a quantidades de personagens e até o enredo, o meu foco que é questão da relação entre os diferentes neste caso de Bela e de Fera é basicamente a mesma em ambas as produções.

Fera, um personagem que sofre com sua aparência monstruosa e grotesca - que por vezes se assemelha a de um animal - também é fruto de feitiço a ser quebrado com a retribuição de um verdadeiro amor. A imagem de Fera é arraigada no imaginário infantil pela divulgação da *Disney* em sua versão cinematográfica² do conto (adaptação mais conhecida entre as crianças). Interessante destacar que a feição “bruta” e “grotesca” de Fera é mais uma forma de fixar uma identidade através da utilização do estereótipo. Por não ser tão delicado e com feições europeias como a Bela, as características de Fera são ressaltadas exatamente por esta falta – transformando-as em algo ruim e malvado.

Bela (uma jovem inteligente) troca de lugar com seu pai - que virou prisioneiro do castelo da Fera ao se perder na floresta no caminho de volta para casa. Bela chega ao castelo e lá faz um acordo com a Fera: ficar para sempre no castelo em troca da

² A BELA E A FERA foi a quinta fábula clássica a ser adaptada pelos estúdios Disney na forma de um longa de animação. Sendo um marco na histórias da arte da animação, foi o primeiro e único longa-metragem de animação a receber uma indicação para o Oscar de Melhor Filme da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, vencendo as estatuetas de Melhor Canção e de Melhor Trilha Original. Recebeu ainda outros prêmios da indústria fonográfica, vencendo dois Grammys e o Globo de Ouro de Melhor Comédia/Musical.

liberdade de seu pai. Bela é então, vista por todos no castelo como alguém que tem a chance de quebrar o feitiço. Mas isto só acontecerá se a Fera amar alguém e esta pessoa retribuir o seu amor. Bela, a partir de sua convivência com a Fera logo passa a ver o que há por trás da aparência assustadora da Fera, aparência esta que esconde o coração e a alma de um príncipe humano, e acaba por ele se apaixonando. *“Bela se torna um exemplo de etiqueta e estilo ao transformar este brutamonte tirano e narcisista em um modelo do “novo” homem, sensível, atencioso e amoroso (...)”* (Giroux, 2004).

Tanto no conto, como no filme, a narrativa se encerra com a Fera se transformando em um belo príncipe e se casando com Bela, a única que conseguiu amá-lo apesar de sua aparência assustadora. Mesmo com a aceitação de Bela em relação à feiúra de Fera, ele se transforma num belíssimo príncipe - com traços delicados e características européias, arianas, como padrão quando ao tratar de príncipes e princesas. Mais uma vez existe a necessidade da semelhança para um final feliz.

A busca pela aceitação é algo comum entres estas duas histórias, tanto a Fera quanto o Shrek têm seu conflito resolvido ao tornarem-se “semelhantes” para serem bem aceitos. O que acaba ocorrendo pode ser entendido como anulação das diferenças a partir da transformação das subjetividades. O discurso hostil de repúdio ao diferente não é desconstruído - permanecendo oculto nos finais felizes dessas duas histórias.

Considerações finais

A partir das análises feitas, podemos ver o questionamento levantado de ordem estética e de valores que ficam a margem quando se adota a diferença como principal motivo da exclusão. Neste sentido, a forma com que as leituras presentes na vida das crianças lida com esse tipo de questão deve ser observada pelos adultos de forma que leve à reflexão sem respostas exatas e adotadas como “verdades”.

Então, se faz necessário que a formação das crianças seja crítica e reflexiva em relação ao que é lido, assim como a atuação do professor e de todo o profissional de educação, assumindo um papel de mediador, com prática de ação/investigação, aonde seja permitida uma leitura crítica e reflexiva da história que está sendo adotada, analisando todo o contexto da história, a possível formação de identidades, a presença de preconceitos, valores e padrões pré-estabelecidos são apropriados pelas crianças,

para que não caiam nas artimanhas dos preconceitos sugeridos diante de identidades adotadas como perfeitas.

A educação escolar possui neste sentido, um papel fundamental como espaço de possibilidade de problematização de tais mensagens, lugar onde estes discursos podem ser (re) significados, superados ou, pelo menos, contestados. Os livros e os filmes que trazem tais histórias, não são meramente objetos destinados a entreter o público infantil. Eles podem ser também considerados suportes cujo conteúdo envolve crenças, ideologias, estereótipos e conceitos dos mais variados, pois se tratam de produções culturais que não são neutras, mas que trazem características dos contextos históricos e sociais aos quais estão inseridos.

A mesma história que diverte e instiga é também um instrumento relevante para ensinar conhecimentos que a criança vai acrescentando à sua bagagem cultural e, dessa forma, compreendendo e (re) elaborando o mundo onde vive. Em outras palavras, uma história infantil geralmente vai muito além dos famosos “era uma vez” e “viveram felizes para sempre”.

Bibliografia

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1994.

CORRÊA, Adâni. *O Ogro Que Virou Príncipe: Uma Análise dos Intertextos Presentes em Shrek*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre:2006.

BHABHA, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

GIROUX, Henry A. Os Filmes da Disney são bons para os seus filhos? In: STEINBERG, Shiley R.; KINCHELOE, Joe L.(org). *Cultura Infantil, a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, S & WOODWARD. *Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

STEIG, William. *Shrek*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

ZILBERMAN, Regina. *A produção cultural para criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Sites pesquisados

http://www.animatoons.com.br/movies/beauty_and_the_beast/

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Beauty_and_the_Beast_\(Disney\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Beauty_and_the_Beast_(Disney))

<http://www.shrek.com/main.html>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Shrek>